

---

# A EDUCAÇÃO NO SANATÓRIO

---

Anabela Amaral\* e Margarida L. Felgueiras\*\*

---

*Este artigo tem por base a análise das marcas de herança cultural deixadas por um sanatório marítimo, vocacionado para o tratamento da tuberculose óssea. Teve como principal fonte de estudo o espólio do jornal publicado no Sanatório Marítimo do Norte. São referidas as marcas das vivências educativas de crianças e adultos, vítimas de tuberculose, deixadas no jornal O Girassol, feito pelos e para os doentes.*

*A análise dos aspectos supracitados é precedida de uma breve contextualização dos discursos médico-higienistas dos finais do século XIX e início do século XX, com particular incidência nas teses de profilaxia social de combate à tuberculose, dos sanatórios como instituições de custódia, da apologia dos sanatórios marítimos e da helioterapia no tratamento da tuberculose óssea.*

**Palavras-chave:** educação, tuberculose, sanatório marítimo, escola ao sol, helioterapia

## Introdução

Na maior parte das cidades europeias e norte-americanas, ao longo da segunda metade do século XIX e início do século XX, as populações adultas, infantis e juvenis viveram profundas mutações em termos de vivências colectivas e individuais da saúde, da doença e da morte. As doenças infecto-contagiosas ensombraram a existência da população que temia o fantasma da tuberculose.

A tuberculose era considerada uma doença social que, aliada à má nutrição, falta de condições higiénicas e de habitação condignas, se propagava com muita facilidade. *O Século* noticiava em

---

\* Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves (Valadares, Vila Nova de Gaia/Portugal).

\*\* CIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto (Porto/Portugal).

primeira página, a 6 de Abril de 1920, que a guerra dera a Portugal cerca de 4000 militares tuberculosos, e em Setembro de 1920 que em Lisboa a tuberculose era a primeira causa de morte.

As cidades do século XIX eram particularmente insalubres e o Porto, graças à industrialização e à proliferação das «ilhas», constituía um ambiente favorável à rápida propagação da tuberculose que se tornou num flagelo difícil de controlar. Esta doença estava, também, associada à paixão e às fragilidades: «outroza se pensava que a tuberculose fosse o resultado de uma paixão excessiva, que atacava as pessoas descuidadas e sensuais» (Sontag, 1982: 30).

A tuberculose apresentou até meados do século XX elevados índices de mortalidade e morbilidade. A magnitude que alcançou no campo clínico, social e político deu lugar a uma abundante literatura médica preocupada em conhecer as causas, profilaxia e cura, tanto médica como social da doença, e em sensibilizar a população e o poder político para a gravidade da mesma. São inúmeras as referências na imprensa diária e nas publicações das instituições:

Será uma autêntica cruzada de luta contra a tuberculose, em que todos – grandes e pequenos, crianças e adultos, ricos e pobres, sãos e doentes – têm de enquadrar-se e combater com toda a força das suas possibilidades. A tuberculose, esse «terrorismo bacilar», que ensombra ainda tantas vidas, tantos lares de Portugal! (*Jornal do Sanatório D. Manuel II*)

A partir de 1900 tem início a construção de sanatórios – os primeiros são os de Outão e Carcavelos – que se multiplicaram por todo o país nas décadas seguintes, financiados por movimentos de filantropia e mesmo pela benemerência popular.

O Sanatório Marítimo do Norte foi uma instituição criada em 1917 pelo médico Joaquim Gomes Ferreira Alves, com o objectivo de curar crianças vítimas de tuberculose óssea com recurso à helioterapia e aos banhos de mar. A estas crianças foram proporcionadas uma escolarização e uma ocupação do tempo muito enriquecedoras no contexto educativo da época. Neste sanatório foram introduzidas concepções curativas e pedagógicas inovadoras destinadas às crianças e desenvolvidas no âmbito da cura da tuberculose.

Através das três séries do jornal publicado na instituição *O Girassol*, da recolha de recortes de imprensa, do arquivo de colaboradores e assinantes, da correspondência ligada à realização do jornal, de fotografias e de relatos orais de antigos funcionários e doentes foi possível descrever o quotidiano destas crianças «condenadas» e o processo de reabilitação curativa e educação, com vista à sua integração no mundo do trabalho. A cura era procurada no contacto com a Natureza: o Sol, o mar e o pinhal, como estimulantes à recepção do iodo e ao restabelecimento de corpos sãos.

O trabalho de investigação procura cruzar, de forma sistemática, a documentação gerada no contexto institucional – correspondência, produção literária, ofícios – com as notícias publicadas na imprensa nacional e estrangeira (brasileira e galega) e ainda testemunhos orais. As informações veiculadas pela imprensa têm origem no impacto e na curiosidade que suscitava o Sanatório Marítimo do Norte pelo tipo de actividades e de pessoas que o apoiavam e visitavam (escritores, acto-

res, pintores, personalidades políticas). Estas notícias correspondiam ao gosto da opinião pública de então: saraus, quermesses, festas de beneficência, visitas de personalidades.

A documentação indicia que o sanatório, como obra filantrópica e como resposta a um grave problema de saúde pública, teve na imprensa um forte apoio, quer na recolha de fundos, quer na divulgação das práticas terapêuticas inovadoras. Percebe-se na imprensa que o sanatório representava uma causa pública num país depauperado em que a população mais necessitada estava desprovida de todo o apoio social. A partir da correspondência é possível conhecer as finalidades e as práticas promovidas ou a promover no sanatório, para criar centros de interesse e ocupações para os doentes e, simultaneamente, manter informados os beneméritos sobre a qualidade do funcionamento da instituição. O jornal *O Girassol*, como parte do projecto educativo do sanatório, fornece informações objectivas sobre eventos, entrada e saída de doentes, novas cirurgias, mortes, casamentos, visitas importantes, donativos, colaboração de doentes de sanatórios suíços e circulação de informações médicas. Contudo, identificámos todo um conjunto de rubricas que procura mobilizar os doentes e releva de um posicionamento optimista de incentivo à vida. Foi de todo este conjunto diferenciado de produção jornalística/literária que foram extraídos os indícios que permitiram reconstituir historicamente o quotidiano do sanatório. Não se tratou de reproduzir uma visão oficial da instituição, mas de recolher elementos que facilitem hoje o acesso ao que foi o seu viver quotidiano.

Tendo sido desactivado o sanatório em 1974, o arquivo médico foi destruído, de acordo com a lei, por possuir elementos identificativos dos doentes. Por preocupação do fundador do jornal da instituição, o doente Manuel Oliveira Guerra, o espólio do jornal conservou-se intacto. Foi através da análise morfológica e temática do jornal que foi possível reconstituir a rotina das crianças internadas e perceber a educação formal e informal que receberam. O trabalho de pesquisa realizado sobre este espólio de *O Girassol*, publicado no Sanatório Marítimo do Norte entre 1924 e 1955, é complementado com informações recolhidas na imprensa, com correspondência e também com textos autobiográficos do seu director. Todas estas fontes permitem concluir pela qualidade da educação proporcionada a estas crianças: educação de cariz laico e naturalista, quando o ambiente nacional era religioso, dogmático e afastado da natureza. O ideário laico traduziu-se também na concepção e decoração do edifício com recurso a elementos florais, ao sol, à poesia e às brincadeiras infantis.

## **O início das campanhas antituberculose**

A partir do início do século XX, em diferentes organismos, revelou-se uma grande preocupação higienista. Assim, foram criadas várias associações que tinham como principal função a profilaxia da tuberculose. Estas associações promoviam eventos como congressos, conferências, publicações, etc. com objectivos pedagógicos sempre no combate à doença.

No primeiro Congresso da Liga Nacional Contra a Tuberculose, em 1901 em Lisboa (Bombarda, 1901), exprimiram-se os seguintes votos: diminuição dos preços dos bens alimentares de primeira necessidade; aplicação e simplificação da legislação sobre trabalho industrial e de menores; lei sobre a higiene infantil; divulgação da higiene nos estabelecimentos de ensino; isolamento dos doentes tuberculosos; entre outros. Houve um grande envolvimento dos médicos, com destaque para Miguel Bombarda, e da imprensa médica nas campanhas de profilaxia contra a tuberculose.

Nas diferentes campanhas é grande a preocupação no combate à mortalidade infantil, em que se defende a infância, com argumentos fundamentalmente demográficos e económicos: «a criança é o obreiro do amanhã»<sup>1</sup>. Há uma grande insistência no perigo que representa esta doença devido ao seu elevado contágio (tuberculose pulmonar) e às terríveis deformações (tuberculose óssea) que comprometiam, num futuro próximo, a existência de uma sociedade saudável e produtiva.

Estas iniciativas foram implementadas sobretudo por instituições beneméritas e caritativas, que dependiam do auxílio dos mais favorecidos, e que, através de dinâmicas sociais várias e de uma profusão de eventos artísticos, culturais e desportivos, angariavam fundos para suportar a cura e tratamento, geralmente prolongados, das crianças vítimas de tuberculose. Graças aos congressos nacionais, internacionais e aos intercâmbios com estrangeiros, principais orientadores e difusores das novas propostas médico-sociais nestes domínios, a luta contra a tuberculose foi encontrando pontos de união.

A educação assume inevitável protagonismo como instrumento de divulgação de condutas mais higiénicas e morais, com a defesa da caridade como método de luta para obtenção do equilíbrio social. Destacavam-se os diferentes recursos técnicos, humanos e materiais disponíveis para corrigir os factores socioeconómicos que afectavam as probabilidades de sobrevivência dos menores vítimas de tuberculose. Os maus hábitos higiénicos, a miséria e a imoralidade individual e familiar passaram a ser os primeiros factores a combater desde a infância. A escola, as associações femininas, a Igreja e outras associações de profilaxia social, sempre sob a tutela dos preceitos da medicina social, desenvolveram iniciativas de divulgação de práticas saudáveis e higiénicas. Estas campanhas apostaram em acções mais directas, inclusive repressivas, que incidiam nos grupos de risco. O espaço médico deixa de ser o habitual hospital ou asilo. O novo espaço médico procura uma maior proximidade com a população para actuar com mais rapidez e maior eficácia no caso das doenças infecto-contagiosas e para implementar acções preventivas e educativas. O seu principal objectivo, desde a década de 1920, é a profilaxia social e a prevenção. Para o concretizar foram criados os dispensários e os sanatórios antituberculosos. A partir destas instituições, a medicina social procuraria curar e educar de modo a que fossem adoptados preceitos de saúde individual e colectiva que conduzissem à disciplina e à reeducação das classes populares.

---

<sup>1</sup> Cartazes e Panfletos da Liga Portuguesa de Profilaxia Social (Espólio não catalogado), Porto. Cf. ainda Liga Portuguesa de Profilaxia Social (1974).

Eram alvo de intervenção as condições sociais em que viviam a maior parte das vítimas. Fazia-se a desinfecção das casas e desenvolviam-se várias iniciativas, entre elas a propaganda que deu lugar a um projecto de educação da população através de cartazes, panfletos, selos, postais, entre outros.

As instituições beneficentes contaram com o apoio das autoridades políticas do país, principais interessadas na normalização social a partir de parâmetros aceites como científicos. A ascendente intervenção do Estado na organização das campanhas higienico-sanitárias facilitou a sua divulgação a nível nacional e integrou, também, a divulgação e consciencialização do aleitamento materno como método preventivo da mortalidade infantil, da educação como instrumento de higiene física e moral da sociedade, e do valor da saúde para conseguir uma nação forte e numerosa.

O papel desempenhado pelas Misericórdias foi também importante, tomando como exemplo a Misericórdia do Porto que, em 1880, quando a cidade do Porto foi fustigada pela tuberculose, «Famílias inteiras foram varridas pela doença sem qualquer hipótese de salvação, dadas as suas condições habitacionais precárias e promíscuas» (Almeida, 2006: 74). O então provedor da Misericórdia, conde de Samodães, sensibilizado pelo flagelo, apelou aos beneméritos para que ajudassem a Santa Casa a enfrentar o problema.

Com o mesmo objectivo e igualmente estimulado pela Misericórdia, Manuel José Rodrigues Semide deixou, em 1903, um importante legado para se construir um hospital para tuberculosos pobres, que, devido às convulsões sociais e consequências da I Guerra Mundial, só veio a ser concluído em 1926, tendo adoptado o nome de Hospital Rodrigues Semide. No mesmo tipo de envolvimento, a Santa Casa da Misericórdia do Porto criou um Centro de Convalescença e Recuperação de Doentes Tuberculosos, anexo a este hospital, com oficinas de ensino de artes e ofícios para permitir o regresso dos doentes à vida profissional.

Ainda no Porto, Francisco de Noronha, em memória do filho tuberculoso, vítima de acidente, doou à Misericórdia a Quinta da Prelada, com a condição de aí se construir um hospital para tuberculosos. Em Lisboa, a Misericórdia veio a assumir o Hospital de Santana, na Parede. As Misericórdias, no seu conjunto, detinham e geriam a quase totalidade da estrutura hospitalar do País e foram criando unidades específicas para a tuberculose e doenças infecto-contagiosas, que foram durante muitos anos as únicas respostas de saúde a esta doença.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social (LPPS) foi fundada em 1924, numa sociedade marcada por vários flagelos sociais e problemas de saúde pública, de que eram exemplo a sífilis, a tuberculose, o tétano, a lepra, o alcoolismo, a prostituição infantil, os sem-abrigo, entre muitos outros. Através dos seus três médicos fundadores, António Emílio de Magalhães, Cândido Henrique Gil da Costa e Veiga Pires, médicos de reconhecido valor na sociedade portuense de então, a Liga Portuguesa de Profilaxia Social inicia o que viria a ser uma longa história de intervenção médico-social, vocacionada para a prevenção das principais doenças que afectaram a saúde pública, em diferentes momentos ao longo do século XX.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, desde a sua fundação, investiu fortemente na imagem associada a frases com objectivos pedagógicos e didácticos de doutrinas de profilaxia de intervenção social. Este organismo desenvolveu diferentes intervenções e campanhas, pertinentes e fundamentais, entre as quais merecem destaque: a campanha de combate ao pé descalço (1927-65); a campanha contra o hábito de escarrar e cuspir na via pública (1929) – iniciada nos primórdios da Liga, época em que os inúmeros tuberculosos vagueavam pela cidade, lançando para a via pública abundante expectoração que, além do perigo que representava, demonstrava uma grande falta de civismo – a campanha contra a sífilis (1929) –, mais uma vez provando o seu carácter pioneiro na abordagem dos mais graves problemas sociais, a Liga Portuguesa de Profilaxia Social abordava as questões de educação sexual e de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. A Liga desempenhou, ainda, um papel activo na criação do Sanatório D. Manuel II e, através da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal, na construção do Sanatório do Mont'Alto, em Valongo. A introdução da BCG<sup>2</sup>, em 1929, no combate à tuberculose, foi igualmente fruto do esforço desenvolvido pela Liga e dos contactos que manteve a nível internacional.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social desempenhou, também, um papel inovador através das conferências doutrinárias que promoveu ao longo de sete séries, desde a sua fundação até 1952. Estas conferências tinham lugar no Salão Nobre dos Fenianos Portuenses e incluíam os mais diversos prelectores, especialistas nos mais variados temas de intervenção social. Costa e Magalhães, fundadores da Liga, caracterizaram-na deste modo:

Assim, a Liga Portuguesa de Profilaxia Social se foi tornando uma verdadeira Universidade Livre, onde as vozes mais autorizadas do País inteiro têm vindo expor os resultados dos seus aturados estudos e profunda reflexão quanto aos problemas de que são especialistas, abrangendo num vasto círculo todas as grandes questões médicas, científicas, artísticas, económicas, financeiras e técnicas dos vários ramos que importam ao progresso humano e ao progresso nacional. (Costa & Magalhães, 1951: 36)

Nas campanhas antituberculose as famílias e a escola foram alvo de atenção, sempre com intenções educativas, pois era no seio familiar e na escola, sobretudo primária, que se registava a maioria dos contágios e disfunções. Os manuais escolares foram utilizados como um meio eficaz de divulgação de conselhos higiénicos, quer para os alunos quer para os seus familiares. Neles são constantes as referências à adopção de hábitos alimentares saudáveis, de exercício físico, de uma vida ao ar livre e de hábitos de higiene regulares.

O ar livre, ricamente oxigenado, batido pelo sol, é associado à longevidade e à qualidade de vida. A luz solar modifica as qualidades do ar tornando o oxigénio mais facilmente assimilável pelo organismo. Surgem teses de apologia do sol como factor fundamental à adopção de uma vida saudável «onde o sol não entra, não tardam a entrar a doença e o médico» (Lima, 1952: 173).

<sup>2</sup> BCG, iniciais da designação da vacina contra a tuberculose com o Bacilo de Calmette e Guérin.

Nestas campanhas, para além de solicitarem a colaboração das famílias, as professoras também eram visadas. Surgiu também nesta altura a figura da enfermeira visitadora, cuja missão consistia no controlo da qualidade dos alimentos, sobretudo do leite de vaca, no repouso e numa alimentação mais equilibrada. A acção do pessoal médico centrou-se na vigilância, na prevenção e educação sobre a tuberculose. Esta doença estava intimamente ligada à pobreza e a um estilo de vida pouco higiénico. Neste domínio, a mulher, como mãe e como esposa desempenhou um papel central. Coube-lhe a responsabilidade de higienizar e moralizar a família.

Foram desenvolvidas práticas de acção social capazes de modificar, a longo prazo, certos hábitos e práticas anti-higiénicas e anti-sociais. A luta contra a tuberculose passou a ser uma obrigação social do Estado.

### Projecto educativo do sanatório

O médico Eduardo Santos Silva, em 1929, no Sanatório Marítimo do Norte, refere que «O problema da educação popular está intimamente ligado ao da assistência. A escola tem no sanatório um natural complemento. A saúde é condição fundamental para a espiritualização da Vida – Pela criança! Seja o grito que a todos nos una» (*O Girassol*, Agosto 1929).

Na sequência da tuberculose surgem os sanatórios que acolhem crianças durante longos períodos de internamento, no âmbito da helioterapia como prática de regeneração do indivíduo doente. Em 1909, no momento da inauguração da Clínica «Les Frênes», Auguste Rollier, amigo pessoal de Ferreira Alves, instaura a sua «École au soleil»<sup>3</sup>, que ficou instalada numa antiga pensão de montanha, entre Leysin e Le Sepey, à qual Rollier adicionou «une annexe contenant trois terrasses superposées et en partie découvertes»<sup>4</sup>, adjacentes a uma «salle d'étude pourvue de grands vitrages et largement aérée»<sup>5</sup>, para que, mesmo com mau tempo, chuva ou neve, as aulas tivessem lugar nos terraços (Tavares, 2005: 136).

A educação e a escolarização das crianças e adultos em tratamento foram, para o fundador da instituição, Joaquim Ferreira Alves, uma prioridade paralela à prática médica. Assim, acompanhou com regularidade o ensino ministrado no sanatório, apostando no ensino lúdico, com recurso a materiais diversificados, desde as leituras da imprensa diária à participação na redacção do jornal *O Girassol*, dos grandes clássicos da literatura aos programas de rádio e mais tarde ao cinema.

Teve um impacto significativo no país o lançamento da primeira pedra do sanatório, cujo evento foi amplamente divulgado na imprensa da época, no jornal *O Primeiro de Janeiro*.

<sup>3</sup> Escola ao sol.

<sup>4</sup> Um anexo com três terraços sobrepostos e parcialmente descobertos.

<sup>5</sup> Sala de estudo com grandes janelas e bem ventilada.

Domingo, ali na praiazinha calma de Francelos, em frente ao mar, que a voz da Medicina vem proclamando igual ao sol na realização das curas milagrosas da pequenada doente, foi lançada a primeira pedra de um sanatório marítimo – o esplêndido ninho em que as criancitas enfezadas que a escronomia tuberculosa crucifica hão-de encontrar remédio e hão-de volver-se em criaturas válidas para luta da vida. Começa, assim, para o norte do País a realização dum velho sonho que a iniciativa de um homem de bem e médico distinto – o Dr. Ferreira Alves – ajudado por dadivosas mãos de senhoras ilustres, afeitas a espalhar a beleza e o bem por toda a parte, amou e acalentou durante muito tempo. Honra a quantos, compreendendo nobilíssimamente a sua missão social, da sua fortuna desprendem todas as generosas refulgências que vão transfundir a miséria em pobreza consolada e a doença em existência confortável. (7 de Junho, 1916)

Neste evento, Ferreira Alves justifica a necessidade da obra como um projecto pessoal, estimulado pelo filho atacado pela tuberculose cuja degradação física e sofrimento o perturbaram particularmente. Como médico, o contacto com crianças em idêntico sofrimento e que ficavam inválidas sensibilizou-o decerto para esta cruzada. Justifica-se a transcrição de um excerto de uma carta sua dirigida ao director da Assistência Nacional à Tuberculose, Lopo de Carvalho:

A criação deste estabelecimento de caridade desde muito tempo que para mim se tomou numa ideia fixa, dominando por completo a minha vida clínica. Um filho meu, a quem a escrofulo-tuberculose tão intensamente tinha atacado, reduzindo-o a tal miséria fisiológica que quase por completo perdera a esperança de salvação da sua vida, fez com que muito particularmente me dedicasse ao estudo desta especialidade. (*O Primeiro de Janeiro*, 7/06/1916)

Fortemente influenciado por Rollier<sup>6</sup>, Ferreira Alves, na ampliação do Sanatório Marítimo do Norte, em 1927, propõe a construção de uma escola ao sol com artes e ofícios para adolescentes.

O conceito de educação veiculado no Sanatório Marítimo do Norte contrasta com o ambiente de repressão registado no sanatório mais próximo, o de D. Manuel II, onde as fugas eram constantes e o contacto com pessoas do outro sexo era completamente proibido, sendo a única excepção a ida à missa. Numa publicação recente, comemorativa dos 90 anos do Sanatório Marítimo do Norte, 60 anos do Sanatório D. Manuel II e 30 anos do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, incluem-se alguns depoimentos de antigos doentes:

O mal, a repressão estavam aqui em altíssimo grau. (...) A perseguição e a humilhação por que passámos no D. Manuel II eram próprias desta casa e, além do mais, injustas e desnecessárias. Não éramos animais, não éramos degredados, nem éramos um inimigo que se persegue sem descanso. (Amaral *et al.*, 2008: 63-64)

No Sanatório D. Manuel II as crianças eram tratadas com alguma indiferença, tendo como grande objectivo a sua cura, mas também o seu isolamento para evitar o contágio e a propagação da doença, sendo mesmo afastadas dos familiares que se encontravam na mesma instituição.

<sup>6</sup> Auguste Rollier (1874-1954) foi o fundador do sanatório helioterápico «Les Frênes», em Leysin, Suíça, onde se implementava a cura da tuberculose óssea através de técnicas inovadoras de helioterapia (exposição solar).



A crueldade nesta casa atingiu aspectos impressionantes, de autêntica demência. Todos os anos se fazia a festa de Natal para os doentes e as crianças. Havia cerca de 40 a 50 crianças internadas, com idade de alguns meses aos 12 anos. (...) Às crianças era dado um brinquedo, (...) mas só brincavam com ele nesse dia, porque no dia seguinte tiravam-lhes tudo. Davam e voltavam a tirar. (...) Era tudo uma hipocrisia, uma encenação. Só quando havia visitas lhes era permitido ir brincar para as salas de brinquedos. (Amaral *et al.*, 2008: 66)

O Sanatório Marítimo do Norte primou pela diferença e concebeu, desde a sua fundação, um projecto educativo de qualidade, dedicado à criança doente que estava sob a sua custódia. A vida social intensa, os saraus com artistas do momento, as festas, os discursos de homenagem e agradecimento, os jornais, as revistas da actualidade, os livros, os poemas, os contos, os torneios, os passatempos, os visitantes ilustres, dominam os dias e iludem a realidade; confundem-se estatutos, os sujeitos tornam-se o centro das atenções, tal como numa estância da *belle époque*. Num regresso ao passado e na pele de um narrador heterodiegético, é possível percorrer o caminho que rompe o pinhal, escoltado pela cortina dos raios de sol que as agulhas dos pinheiros permitem passar, sentir a brisa salgada que anuncia a presença do mar, e na clareira, com alguma surpresa, iluminado pelo sol, eis que surge o imponente edifício, o novo lar.

Com alguma surpresa, este porto de abrigo parece, não um sítio de tormenta como seria de esperar, mas um verdadeiro hotel de luxo saído de uma ilha distante e paradisíaca: «apresentava-se com a elegância de um hotel das baleares» (Bessa-Luís, 1983: 9).

O edifício dominado por uma longa galeria voltada para o mar convida a uma preguiça, com as suas cadeiras de espaldas, onde em cumplicidade com o Sol e com o mar se espantam maleitas e pesadelos. A escadaria, estrategicamente central, simboliza a entrada numa nova vida, longe de tudo e de todos, apenas com os companheiros de infortúnio.

## O doente do sanatório

O doente do sanatório era proveniente de todo o país, recomendado por médicos, geralmente ortopedistas, de outros sanatórios cuja lotação já não permitia mais internamentos. Eram então encaminhados para o Dr. Ferreira Alves, reconhecido no meio médico, tal como aconteceu com Oliveira Guerra que em texto autobiográfico:

Lembrava, entre muitas coisas, aquela célebre e precipitada sentença de morte do velho Dr. Fernandes, a amargura da vida durante os meses em que estivera condenado (...) a casual indicação, mais tarde obtida, acerca daquele médico do Porto, do Dr. Ferreira Alves, e da sua obra assistencial seguindo os passos do Dr. Rollier, a consulta que lhe tinham feito na Galeria de Paris, o diagnóstico do Mal de Pott, a indicação da Helioterapia como fórmula de tratamento, a luz de esperança que nascera, a resolução para o seu internamento na casa de saúde milagreira. (Guerra, 1960: 145)

Vários doentes do sanatório vinham do sul do país, depois de terem realizado consulta no Sanatório da Parede, sanatório marítimo também dedicado à cura da tuberculose óssea, pelo facto de aí não haver disponibilidade de internamento.

O doente internado era particularmente problemático por sofrer de tuberculose óssea, já que esta tinha consequências ortopédicas, provocando intensas dores e graves deformações corporais.

No entanto, este tipo de doentes mostrava-se resignado à sua sorte e, motivado pelo clima da instituição, investia a longo prazo e com grande perseverança na cura, sempre distante, muito demorada, para muitos inacessível e sujeita a rigorosas imobilizações:

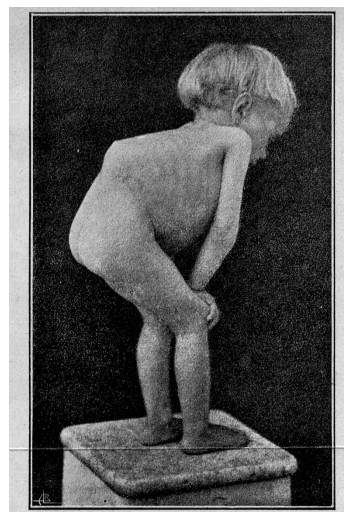
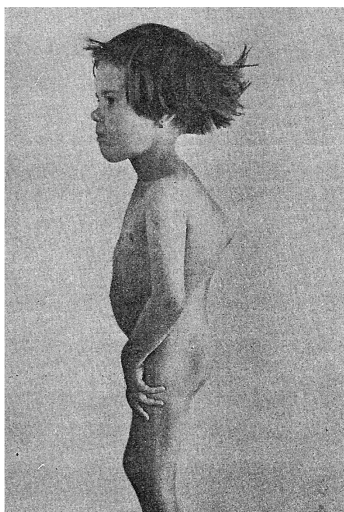
Era característico dos doentes ortopédicos, com poucas excepções, aceitarem os tratamentos restrictores e limitativos duma maneira positiva. Pareciam satisfeitos durante a imobilização e faziam um esforço decidido para suportar o seu sofrimento e melhorar a sua condição física futura. Esta atitude, possível de encontrar até nos muito novos, era suficientemente perplexa para suscitar a nossa curiosidade e fazer-nos procurar explicações. Havia várias fontes possíveis donde pudesse derivar a sua força surpreendente. (Bergmann, 1978: 49)

### **Crianças doentes sob custódia em crescimento físico e intelectual**

As crianças vítimas de tuberculose óssea eram submetidas a tratamentos cujo internamento durava meses e mesmo anos, os processos de escolarização e de ocupação do tempo eram uma

FIGURAS 1 E 2

#### **Crianças doentes com tuberculose óssea – Mal de Pott**



prioridade, de modo a amenizar a dor física e o afastamento da família. As rotinas foram humanizadas num sistema de internamento de crianças e acautelada a sua educação.

Os fundadores desta instituição sentiram desde início a necessidade da contratação de uma professora primária, o que ficou registado quer no respectivo livro de actas quer nos discursos de inauguração transcritos na imprensa. Também eram os médicos que avaliavam a qualidade do desempenho das professoras e que as contratavam e despediam de acordo com os resultados do seu trabalho.

O período de internamento, para a maioria das crianças, era longo e sujeito a uma rigorosa disciplina, com o cumprimento de rituais diários dependentes dos preceitos da helioterapia, a exposição ao sol. A rotina diária era completamente ditada pelo sol e pelo mar e pelos períodos benéficos à recuperação do doente. No âmbito da tuberculose óssea, geradora de múltiplas deformações, o corpo assume um papel de relevo. Teriam de ser corrigidas as deformações de modo a reintegrar o indivíduo na sociedade. Neste contexto, reconhece-se a pertinência de muitas das reflexões de Foucault no que diz respeito à «arte do corpo humano» e ao aumento das suas capacidades como objecto de poder e de obediência, e a «disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis» (Foucault, 2006: 119).

Como complemento à helioterapia, a escola ao ar livre, a ginástica, os longos passeios pelo pinhal e pela praia e os banhos de mar são elementos fundamentais da rotina de cura e disciplinadores da vida dos pequenos doentes.

Esta instituição poderá também ser considerada um exemplo de pedagogização da vida hospitalar, na medida em que, através dos frequentes intercâmbios culturais com a Suíça (Dr. Rollier, Leysin), introduz conceitos inovadores na época, como a ginástica rítmica, jogos, actividades, o controlo do corpo e dos movimentos, tal como a noção de ritmo, que pretendem garantir a estabilidade emocional e moral dos doentes.

O fundador da instituição, o médico Ferreira Alves, influenciado por Rollier, utilizou a «École au soleil», projecto que pretendia conciliar as teorias médicas da helioterapia, as vivências ao ar livre e o benefício do sol, com a escolarização da criança doente. A escola ao ar livre foi implementada nos sanatórios suíços e aproveitava ao máximo as potencialidades do ar puro e do sol das montanhas, conciliava as duas realidades, médica e escolar, sem pretender que houvesse qualquer tipo de hierarquização. Outra preocupação terá sido a de integrar «a anormalidade» do corpo humano (algumas das crianças apresentavam grandes deformações do corpo) num contexto próprio, sem que a criança/aluno sentisse qualquer tipo de hostilidade, naturalizando assim o processo de reabilitação do corpo. O director clínico estipulava as rotinas de cura intercaladas com as rotinas de escolarização.

As crianças eram rápida e carinhosamente integradas na grande família do sanatório. Estas eram recebidas, quer pelos médicos e enfermeiras, quer pelos doentes adultos, com grande afecto e preocupação. Todos se empenhavam em substituir a família, para que o seu afastamento fosse menos doloroso.

O afastamento da família era particularmente penoso e assustador, porque a maioria dos doentes eram crianças e as famílias não tinham possibilidades económicas para os visitarem com frequência, geralmente iam acompanhá-las no internamento e voltavam na saída da instituição.

Oliveira Guerra, antigo doente, descreve o momento do afastamento:

E no dia seguinte, com a curiosidade e o contentamento duma criança que vai a uma festa, a partida de manhãzinha, com o pai intimamente ralado, o pobre, do quanto ia gastar com o filho, numa altura em que a vida ainda não estava correndo muito bem; depois a chegada, a impressão penosa à vista daqueles pobres seres pequeninos ali encamados e presos aos leitos com tiras e pesos; e, por fim, à despedida, o pai que sempre vira impassível, fugindo dele pela rua além e ele, que não pensara em tal, com um nó a esmagá-lo, e, depois, a estranheza da culinária, numa mezinha baixa entre garotos queimados e enervantes, a hora de recolher, a sensação penosa do despir diante de olhos estranhos, as suas roupas logo retiradas para a rouparia, o colchão duro e estreito, a almofada insignificante. (Guerra, 1960: 144)

As saudades eram enganadas com a troca de correspondência com a família:

Vingara-se a escrever longas cartas à mãe, cheias de queixumes, molhadas de choro em que desabafavam as angústias e valorizavam tudo o que tinham deixado, a casa, o quarto, os objectos, as pessoas, os hábitos. Tudo aquilo que nunca tinham valorizado suficientemente e, que agora, longe, tinha mais valor do que nunca. (*ibidem*: 145)

A adaptação da criança, apesar do apoio e carinho dos outros doentes e funcionários, é sempre difícil: há que se habituar ao colchão duro, à almofada insignificante, aos coletes presos aos ferros do leito, aos pesos pendurados nos pés, às comidas, às faltas de vinho e de iguarias. Aprendem a lavar-se deitados na cama, sem se molharem, a comer na posição deitada, a escrever sobre um livro, a arrumar, como todos os doentes, ao seu lado os papéis e pequenos objectos.

Engordam, enegrecem, adquirem outro sotaque e organizam o seu tempo diário. Sentem-se privilegiadas pelo destino as ter levado para o Sanatório Marítimo do Norte, conforme podemos ler n' *O Girassol*, «a permanência aqui nunca nos deixará na alma essa tristíssima lembrança que a maioria dos hospitais deixa nos seus internados» (*O Girassol*, 23 de Março, 1924).

O bom ambiente proporcionado pela alegria das crianças, o sol sempre em convívio com todos, são uma referência constante na correspondência e no jornal da instituição:

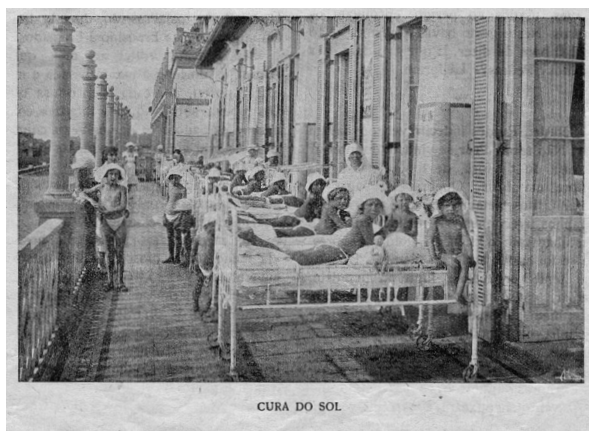
E que o observe quem nos queira fazer uma visita dalguns momentos. A alegria estuante do sol entrando a jorros pelas largas janelas das enfermarias e dos quartos patentar-lhe-á logo esse perfeito contraste que há entre as nossas arejadas instalações e as instalações sombrias de um hospital. Os petizes, de todas as idades, e quer estejam de cama ou andem de pé, parecem não ter o mais pequeno conhecimento dos males (...) brincam e riem na mais completa alegria infantil. De manhã à noite a garrulice é contínua, mesmo a quando das horas de descanso, iludida, travessamente, a vigilância das empregadas. (*O Girassol*, 23 de Março, 1924)

## A rotina

O rigor da disciplina médica, dos tratamentos prescritos e da rotina da instituição são, sem dúvida, a explicação dos excelentes resultados obtidos com os tratamentos da helioterapia. Esta prática médica dispunha de momentos fulcrais do dia, que teriam de ser amplamente usufruídos pelos corpos dos doentes de modo a proporcionar a cura total. Estes momentos seriam desfrutados por todos os doentes nas mesmas condições. Para que isto fosse possível, era necessária uma organização de toda a rotina com grande precisão. Será necessário referir que a maioria dos doentes se encontrava imobilizada nas suas camas de ferro, as quais era necessário arrastar para as galerias de cura, ao ar livre, para o contacto benéfico do sol.

FIGURA 3

**Crianças na varanda de cura do Sanatório Marítimo do Norte**



As crianças são no sanatório um factor de animação constante, cujo convívio se torna enriquecedor para os mais novos e reconfortante para os mais velhos que frequentemente os assumem como missão educativa:

Tudo passa e aquele amargor passara também, lentamente, diluído no tempo como sombra de fumo que se desfaz no céu e se deixa de ver. A vida agora era aquilo, assim mesmo, entre lençóis brancos numa cama de rodas que, dia após dia, girava da enfermaria para a varanda e da varanda para a enfermaria sem parar (...). Nos dias soalheiros, logo de manhãzinha, acordava-se com o rodar surdo dos leitos baloiçantes no soalho encerado e com o estrépito das rodas transpondo as soleiras das portas ao passarem para o piso de mosaico da galeria. E se o sono era teimoso e resistia, a aragem do Norte, arrepiadora, incumbia-se de abrir os olhos

entumecidos e acabava com o torpor. E se o frio era impotente, alguma coisa havia de mais forte: a algazarra da miudagem de todas as idades que se erguia, vencedora, na alegria irradiante do despertar matinal das crianças. (Guerra, 1960: 141)

As refeições dos doentes funcionam como pausas merecidas, na dolorosa prática curativa são um complemento fundamental à recuperação física do doente e à obtenção de uma robustez que resistisse ao rigor dos tratamentos de helioterapia:

Vinha então o pequeno-almoço (...) logo em seguida, o arranjo das camas e os curativos dos doentes fistulados. Sob o calor das roupas não apetecia o jornal nem o Júlio Verne e os olhos prendiam-se, impressionados, ao verde muito verde do mar batido pelo Sol levante, às cristas brancas das ondas vindas a rolar de longe para se entrechocarem e quebrarem lá em baixo nos penhascos da praia, ao esvoaçar de asas longínquas, ao desenho ledó e fino dumas velas avermelhadas. (*ibidem*: 141)

A cura ao sol é descrita pelos doentes como um momento de preguiça, não deixando de ser doloroso e penoso. A exposição solar revela-se eficaz na mutação dos corpos enfermos, por isso uma etapa necessária à cura. Na varanda é companhia privilegiada o livro e os jornais diários. As crianças faziam os deveres escolares marcados pelos seus professores, muitas vezes ajudados por doentes que também eram professores. Esta classe profissional era frequentemente afectada pela tuberculose e a sua presença no sanatório era aproveitada como ajuda na escolarização dos doentes. Na instituição havia um ambiente em que a leitura era incentivada quer aos mais novos, quer aos mais velhos. Os menos instruídos eram estimulados pelos outros doentes a aprenderem a ler e a aumentarem a sua cultura literária.

Muitos doentes chegavam ao sanatório sem qualquer tipo de instrução. Aí aprendiam a ler, faziam o exame de admissão e continuavam os seus estudos. Há notícia de doentes que, depois de adultos, concluíram mesmo cursos universitários.

O descanso era fundamental depois do banho de sol e da merecida refeição. Todo o ritual servia para a orientação da recuperação do doente com tuberculose. Para além de ter de respirar bons ares, teria de cumprir momentos de descanso rigoroso e uma alimentação rica, saudável e escrupulosamente regular. Algumas das crianças iam à praia como rotina de tratamento.

Os pequenos doentes eram estimulados, de acordo com as suas potencialidades, a desenvolverem hábitos de estudo e interesse pela literatura, matemática e línguas estrangeiras.

Pequeno letrado de treze anos (...). Dotado de tendências para o trabalho e para a metodização, organizara a vida e passara a não ter sobras de tempo, naquela ociosidade aparente, muito repartida pelo estudo de línguas, pelas matérias liceais, pelas cartas a escrever, pelas leituras saborosas, pelas horas de repouso e pelas que à noite, extinta a luz do dia, eram dispendidas no gosto inefável das cogitações. (*O Girassol*, 1934)

Numa crónica do jornal da instituição, que preserva a identidade da criança, «A mágoa da pequena M.», é revelada a vergonha desta por não saber ler nem escrever, pois nunca tinha

andado na escola, apesar de ter 12 anos. Tinha também a grande mágoa de não saber fazer «trabalhinhos» como as meninas do sanatório, companheiras de enfermaria, que bordavam, faziam crochet, rendas de bilros. Depois de se adaptar à situação de doente de coxalgia e à posição deitada de bruços, começou a aprender com as outras doentes «Vais ver como aprendes depressa! Dizia-lhe a companheira em carinhoso incitamento, deitada de bruços, na cama junto da sua. (...) É animadora a camaradagem laboriosa que existe entre as pequenas doentes» (*O Girassol*, 1934).

A propósito dos trabalhos de labores encontramos referências à capelista ambulante do Sr. Fortuna que fornecia às doentes do sanatório linhas, agulhas, lãs, linhos, bastidores e todos os materiais relacionados com os trabalhos manuais.

As visitas, momentos particularmente importantes na vida do sanatório, aconteciam aos domingos, e, segundo os doentes, eram dias fantásticos mesmo quando as visitas eram para os outros:

Às três horas começavam a aparecer, no alto da rua, os mais apressados, pais, irmãos, vizinhos e amigos, com flores e sacas, e, através das cortinas claras ou das grades da varanda, havia sempre os que, soerguidos e como quem procura alvíscaras, iam, quais gageiros no cesto da gávea, denunciando em brado alto os que iam surgindo: o pai da Alzirinha... o irmão do Fernando Mota... a mãe e o pai do Gustavo... os tios da Angélica. (Guerra, 1960: 146)

A expectativa era grande, aguardavam com ansiedade se teriam visitas ou não. Alguns impacientes e eufóricos, outros decepcionados e tristes. Os visitantes encontravam-se no apeadeiro e, em romagem, desciam em direcção ao sanatório. Levavam presentes, iguarias para matar saudades de casa e flores para alegrar «o leito do internamento»<sup>7</sup>.

As tardes de domingo são descritas com grande animação, plenas de alegria e de entusiasmo. Os mimos e carinhos eram distribuídos por todos «porque os pais duns sentiam-se pais de todos e a todos procuravam e mimavam» (*ibidem*: 147).

A hora da despedida acabava com o ambiente de felicidade e de partilha, ficava no ar uma sensação de cansaço e de contentamento, perdiam o apetite para o jantar e saboreavam as guloseimas e os mimos deixados pelas visitas.

## As diversões

«As nossas diversões» é a secção de *O Girassol* onde se faz uma reconstituição da vida social do sanatório: «Quem não conhece a nossa vida cá dentro, poderá talvez supor que ela é feita só de tristeza e monotonia» (*O Girassol*, 1934). Dele fazia parte a rubrica «As datas festivas», sempre

<sup>7</sup> «O leito de internamento» era a expressão utilizada para designar a cama do doente.

assinalada ao longo de todas as séries do jornal. Os dias de festa aconteciam com alguma regularidade no sanatório e mobilizavam tudo e todos. As habilidades, os talentos e as aprendizagens eram postas ao serviço do projecto comum da instituição.

As prestações dos pequenos cantores eram sempre acolhidas com grande entusiasmo e unanimemente aplaudidas. Os números eram ensaiados com grande afincamento para que, no dia de festa, as variedades fossem apresentadas com grande profissionalismo. As enfermarias enchiam-se de gente emocionada e feliz, familiares, funcionários, doentes, beneméritos, que compensavam os pequenos artistas das horas dispendidas num sem número de ensaios:

Naquele domingo, além de ser domingo era dia de festa, a D. Filomena Braga, professora de canto, ensaiara novas cantigas muito insulsas e desmaiadas como o autor, seu marido, e organizara também um pequeno espectáculo de comédias e variedades. Os solitários das mesas estavam enramalhados como nunca e os leitos luziam na brancura e no arranjo das roupas. As enfermeiras e ajudantes, impecáveis, sorriam prazenteiramente e um contentamento esfuziante e comunicativo pairava em tudo, à mistura com um sol morno e doirado que jorrava de fora, através das cortinas, e se espalhava em largas faixas de luz na enfermaria... (Guerra, 1960: 147)

«O nosso S. João», como todas as datas festivas, foi festejado com grande animação como foi amplamente divulgado no jornal: «fizemos uma *festona* em que todos os doentes se divertiram como se estivessem de saúde» (*O Girassol*, 1935). Na semana anterior todos os doentes se distraíram trabalhando afincadamente. Construíram 600 balões em frente ao sanatório «que formaram uma artística e feérica ornamentação» (*O Girassol*, 1935). Não faltou uma cascata, lindamente enfeitada. A noite «estava deliciosa, tépida, serena, uma autêntica noite de S. João» (*O Girassol*, 1935). De acordo com a tradição, foi lançado um deslumbrante fogo de artifício, lançado pelo próprio Dr. Ferreira Alves. «A satisfação era geral no semblante risonho de todos os doentes reflectia-se a satisfação intensa que os dominava» (*O Girassol*, 1935).

O Natal no sanatório era festejado cumprindo os costumes desta época e destinado fundamentalmente às crianças. Inúmeras passagens de *O Girassol* ilustram estas ocasiões festivas:

Sem brinquedos seria a festa incompleta (...) vemos todos os anos a sr<sup>ta</sup> D. Helena Dias – ajoujada de lindas prendas (...) que entregará às criança e às não-crianças, porque todos, sem exclusão de ninguém, têm sempre na sua alma amiga lugar para uma lembrança. (*O Girassol*, 1 de Janeiro, 1925)

As diversões também eram recebidas do exterior. Um grupo de circo, a companhia Luftmann, a actuar no Teatro Carlos Alberto, deslocou-se ao sanatório para fazer uma exibição aos seus doentes. O número mais aplaudido pelos pequenos doentes foi o dos palhaços: «E foi, de facto, um dia de completo regosijo para a pequenada, que, neste triste Inverno, vinha tendo sobejas razões para andar aborrecida» (*O Girassol*, 1925).

A visita de personalidades ilustres era também um factor de animação no sanatório, como aconteceu com a do Dr. Roque de Arriaga, inspector-geral da Assistência Pública, que apreciou a



bela situação do edifício, a ginástica e o canto coral dos pequenos doentes. O visitante executou ao piano alguns trechos de música para alegrar e distrair as crianças.

Outros visitantes foram os actores Lucília Simões, Erico Braga e Amélia de Souza, o Presidente da República, Sidónio Pais, o ministro do Comércio, António da Fonseca, o presidente do Senado Municipal do Porto, Souza Júnior, Eduardo de Souza, o governador civil do Porto, Luiz Ferreira Alves, e Jaime Atlas, chefe do protocolo da Presidência da República.

«A Carteira» é a rubrica de *O Girassol* dedicada aos aniversários, às entradas e saídas do sanatório, às visitas e às operações. Consta-se a saída de doentes estrangeiros «Regressou a sua casa em Vigo, o menino José Maria Dotras» (*O Girassol*, 1924); a visita de antigos doentes «o menino Arnaldo Gomes, antigo internado do sanatório durante dois anos, actualmente do Instituto Nun'Alvres de Vigo» (*O Girassol*, 1924); o internamento de novos doentes «o menino João Gonçalves Martins de S. Paulo (Brasil)» (*O Girassol*, 1925); e a partida para Favaio, para passar as férias da Páscoa «a. D. Carlota de Barros, digna professora do Sanatório» (*O Girassol*, 1925).

São publicados contos infantis, poesia, adivinhas, charadas, anúncios sentimentais brincalhões, lendas tradicionais, pensamentos, citações de autores e correio recebido.

São também incluídos n' *O Girassol* textos originais, muitos relatos de acontecimentos autobiográficos passados no sanatório. Revelam-se grandes incentivos à leitura e à escrita entre os mais novos. São feitos pedidos de colaboração das crianças com histórias, charadas, versos, adivinhas, versos, desenhos, «todos podem ser pequenos jornalistas».

Deduz-se, pela qualidade dos trabalhos apresentados, que a professora do sanatório teria um papel activo no incentivo e na correcção dos textos elaborados pelos pequenos doentes. Será também a mesma a fornecer bibliografia adequada à idade e aos interesses dos seus alunos.

## Conclusão

Com a apresentação deste texto pretendemos reconstituir um passado em que a tuberculose era um inimigo público e o pretexto para a criação de um sanatório à beira-mar rodeado de pinhais, inundado de cheiros do mar e da areia. Neste processo a personagem principal é a criança doente, internada numa instituição que passa a ser uma segunda família, onde cresce, muitas vezes completamente esquecida pela família de origem, durante longos períodos de internamento.

Muitos destes doentes consideram-se privilegiados por pertencerem a esta família, onde começam por ser bem alimentados, para depois serem ensinados e finalmente estimulados para o conhecimento. Desenvolvem, ainda, novas fontes de interesse pela instrução e pelo saber. A vontade de construir, de fortificar, não se restringia aos corpos, fomentava, na mesma linha, o desejo de consolidar a personalidade e o carácter, de desenvolver atitudes cultas, de alimentar a curiosidade permanente. Adquirem hábitos de leitura, de estudo e de fruição cultural. Alargam os seus

horizontes com as amigas, nacionais e estrangeiras, com quem partilham ideários vastos e laicos que lhes permitem a construção de uma personalidade alicerçada em importantes valores sociais, e que lhes possibilitam, em muitos casos, o desempenho de papéis de intervenção social, cultural e mesmo política.

Este trabalho permitiu-nos abrir a pesquisa à educação não formal, no sentido em que, para além da escola elementar que continha, todo o sanatório foi uma escola. Desde a sua concepção foi uma escola de cidadania pelo compromisso cívico que demonstrou, escola de arquitectura sanatorial pela inovação que constituiu, escola de medicina pela divulgação de práticas curativas de vanguarda e pela sua divulgação aos jovens médicos da escola médico-cirúrgica do Porto que iniciavam a sua prática clínica neste sanatório.

Pretendemos também despertar a curiosidade de investigadores para a continuação do estudo deste tipo de instituições de forma a traçar um panorama das práticas médico-sociais relativas à assistência à tuberculose e para a necessidade de uma investigação cuidada das relações e dos intercâmbios estabelecidos entre os diferentes sanatórios do país; a mobilidade dos doentes, o excesso de lotação e os longos períodos de internamento; a circulação de conhecimentos científicos e de práticas médicas nos sanatórios; a frequente troca de favores entre médicos, políticos e beneméritos.

Apesar das limitações, consideramos que lográmos conhecer uma realidade esquecida no tempo: a tuberculose e o seu tratamento num sanatório marítimo; o património arquitectónico ainda existente; o seu arquitecto, Oliveira Ferreira, e sua gramática arquitectónica; a educação em ambiente sanatorial. Caracterizámos a génese de uma comunidade que teve início com a existência de uma doença e que muito beneficiou com um movimento privilegiado de doentes que, com grande reconhecimento pela instituição que os devolveu à vida, ofereceram o que tinham de melhor em gesto de gratidão. Os abastados ofereceram dinheiro e bens; os médicos aqui deixaram as suas práticas e produção técnica; os artistas presentearam a comunidade com obras de arte, textos, poemas; os populares, dedicação; e as crianças transmitiram às gerações futuras o que foi sobreviver ao flagelo da tuberculose num contexto de afastamento das famílias internadas num sanatório.

**Contactos:** Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, Rua Professor Amadeu Santos, 4405-594 Valadares, Vila Nova de Gaia – Portugal | Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Rua Dr. Manuel Pereira da Silva, 4200-392 Porto – Portugal

E-mail: [anabemaraal@yahooo.com](mailto:anabemaraal@yahooo.com); [margafel@fpce.up.pt](mailto:margafel@fpce.up.pt)

## Referências bibliográficas

- Almeida, António Ramalho (2006). *O Porto e a tuberculose: História de 100 anos de luta*. Porto: Fronteira do Caos.
- Amaral, Anabela (2008, Junho). *A pedagogia no sanatório: A escola ao sol*. Comunicação apresentada ao VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Amaral, Anabela, et al. (2008). *Hospitais de Gaia: Um século de história*. Porto: Fronteira do Caos.
- Bombarda, Miguel (1901). *Actas e documentos do 1º Congresso dos Núcleos da Liga Nacional Contra a Tuberculose*. Lisboa: Tipografia Almeida de Mendonça.
- Bergmann, Thesi (1978). *A criança, a doença e o hospital*. Lisboa: Moraes Editores.
- Bessa-Luís, Agustina (1983). *Os meninos de ouro*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Costa, Cândido Gil, & Magalhães, António Emílio (1951). *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social* (7ª série). Porto: Autores.
- Foucault, Michel (2006). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Liga Portuguesa de Profilaxia Social (1974). *50 Anos de actividade em prol do bem comum: 1924-1974*. Porto: Autor.
- Liga Portuguesa de Profilaxia Social (1951). *Conferências*, 1ª a 7ª série (1929 a 1952). Porto: Imprensa Social.
- Lima, José O. (1952). Algumas considerações sobre a vida humana, sua duração e meios de a prolongar: Conferência proferida no salão nobre do Clube Fenianos Portuenses em 10 de Dezembro de 1938. In *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social* (7ª série). Porto: LPPS.
- Guerra, Oliveira (1960). *Caminho longo*. Oliveira de Azeméis: Autor.
- O Girassol*, Jornal publicado no Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia (1917/1955).
- O Nosso Jornal – Dos internados e para os internados do Sanatório D. Manuel II* (1962, Junho 10).
- O Primeiro de Janeiro* (1916, Junho 7).
- Sanatório Marítimo do Norte (1918/1920). *Relatório e Contas, Anos económicos 1918 a 1920*.
- Sontag, Susan (1982). *A doença como metáfora* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Tavares, André (2005). *Arquitectura antituberculose: Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*. Porto: FAUP Publicações.